

cai sem expansão monetária

Bulhões: inflação só

A principal causa da inflação brasileira reside no fato de que o acréscimo de crédito vem sendo custeado por expansão monetária e não por recursos próprios do Tesouro. Remover essa anomalia é a única alternativa disponível para a queda da inflação. Este ponto de vista foi defendido ontem em São Paulo pelo professor Octávio Gouvea de Bulhões, durante palestra a empresários promovida pelo Grupo Fenícia.

Bulhões, conhecido defensor do tratamento de choque da inflação, assegura que o gradualismo, praticado há vinte anos, não deu certo. "Se não deu certo, como está óbvio, algo está errado com a estratégia", afirma o professor. O tratamento de choque causará alguns desconfortos, reconhece, mas serão passageiros e a inflação cairá.

Com preços em níveis baixos e estáveis — disse — poderiam ser tomadas medidas visando a capitalização das empresas, aumentando o investimento nos setores produtivos, gerando empregos, sem aquecer o consumo. Depois disso, estaria firmemente armado o cenário que possibilitaria as autoridades brasileiras contar com a boa vontade dos banqueiros internacionais. Estaria, assim, aberto o caminho para a resolução do problema da dívida externa.

Provocado por um empresário, que sugeriu que sua política só teria êxito em um regime politicamente fechado, Bulhões afirmou que as "medidas decisivas" são mais exequíveis em um regime de abertura política do que em um ditatorial.

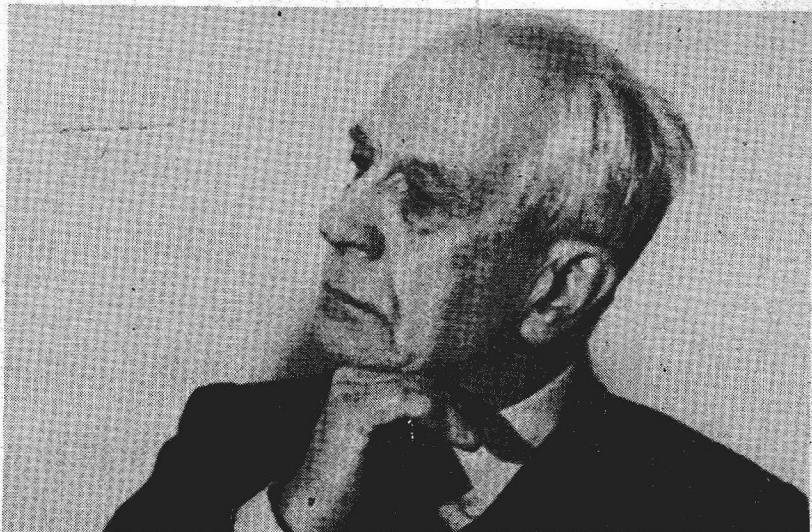
— O presidente Castelo sempre compartilhou com o Legislativo suas decisões na área econômica. Eu sempre ia ao Congresso e falava francamente, sem subterfúgios, e encontrava os deputados e senadores receptivos, e eles não tinham razão para serem amáveis comigo — respondeu.

Para o professor, a inflação supera em gravidade a questão da dívida externa, exigindo, por parte do governo, decisões firmes e corajosas. Por isso, o governo deve, antes de propor uma renegociação ampla da dívida externa aos credores, primeiro "arrumar a casa".

Open market

Um forte ataque às deformações do open market foi desfechado pelo professor Octávio Gouvea de Bulhões:

— A emissão de títulos públicos se destina ou a regular a base monetária ou a investimentos produtivos, que se



«A expansão monetária é uma anomalia», afirma Bulhões

paguem a si mesmos. A deformação do instituto do mercado aberto é a mais poderosa causa da elevação das taxas de juros. Bulhões prega o estancamento completo da emissão de novos papéis e os resgates dos que estão vencendo.

Outra causa da alta das taxas de juros, mencionada pelo professor Bulhões, é a pressão excessiva sobre as fontes de crédito por parte das empresas. Ele defende a tese de que as empresas devem buscar outras fontes de recursos, como a emissão de ações, "que representa um dinheiro barato", reservando o mercado de crédito só para os casos de urgência.

A redução do ritmo de emissão de títulos públicos combinada com a diminuição da pressão por parte das empresas sobre as fontes de crédito representará imediata redução das taxas de juros, na sua opinião. "A queda das taxas de juros será também poderoso instrumento acessório de combate à inflação".

Ele refutou a tese do PMDB de que a moratória unilateral seria a saída para o País. Na qualidade de um dos fundadores do Fundo Monetário Internacional (FMI), o professor disse:

— A moratória unilateral não serve para nada. Só complica as coisas. O que entendo por moratória é a dilatação de prazos para o pagamento da dívida.

Na sua opinião, "nossos credores estão com muita vontade de ajudar ao Brasil. Mas o Brasil é que não está ajudando a se chegar a uma solução satisfatória do problema. A boa von-

tade dos credores deve ter, em contrapartida, uma demonstração cabal de disciplina econômica e financeira. É preciso primeiro arrumar internamente nossa casa".

O antigo companheiro de Roberto Campos no Ministério de Castello Branco acha arriscado comparar os tempos atuais como os dos de 1964. Naquela época, lembrou, havia prosperidade além das fronteiras brasileiras e — em mais uma das muitas farpas que atirou indiretamente contra a equipe econômica do atual governo — os credores sabiam que o Brasil tomava medidas sérias para combater o surto inflacionário.

Bulhões não perdoa os subsídios, principalmente aos derivados de petróleo, caracterizando o privilégio do consumo sobre a produção em sua ótica uma visão errada da política econômica brasileira, que repeete os erros, por ele apontados no início da palestra, das autoridades econômicas norte-americanas nos anos de 1964 e 1965.

— Na redistribuição da renda, podemos observar os deploráveis resultados da política paternalista de transferir recursos de uns em favor de outros. Os exemplos históricos revelam a queda da eficiência produtiva pela seqüência das transferências da produção para o consumo. Não se trata de impedir o crescimento do consumo e muito menos de criar embargos a generalização do aumento do poder de compra dos indivíduos. Precisamente pelo desejo de generalizar-se o aumento da renda real e que se procura impedir a redução da capacidade geradora do produto — disse.